As ciências sociais brasileiras no século XX

Simon Schwartzman

(Novembro de 1999)

Celso Furtado, com a *Formação Econômica do Brasil*, de 1954, e Gilberto Freyre, com *Casa Grande e Senzala* (1933) e *Sobrados e Mocambos* (1936) são os autores brasileiros mais importantes do século XX, conforme o resultado de uma enquete feita entre 49 cientistas sociais brasileiros em atividade.[1] Logo a seguir surgem Raymundo Faoro, com *Os Donos do Poder* (1958) Sérgio Buarque de Holanda, com *Raízes do Brasil* (1936), Victor Nunes Leal (*Coronelismo, Enxada e Vo*to, 1948) e Caio Prado Júnior (*Formação do Brasil Contemporâneo,* 1942, e *Evolução Política do Brasil*, 1933). Em um patamar um pouco abaixo estão Florestan Fernandes, com referência a diversas obras a partir dos trabalhos clássicos sobre os índios Tupinambá, e Oliveira Viana, autor de *Populações Meridionais do Brasil* (1920) e *Instituições Políticas Brasileiras* (1949). Euclides da Cunha, com *Os Sertões* (1902) ainda é bastante lembrado, e o livro de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto, *Dependência e Desenvolvimento na América Latina,* publicado no Brasil em 1970, é citado por muitos como livro dos mais influentes, mas não é reconhecido como de importância equivalente do ponto de vista do mérito. Além destes, outros doze livros ou autores do século XX foram citados por pelo menos duas pessoas como pertencendo ao grupo seleto dos mais importantes ou influentes, sem, no entanto, lograr maior consenso. Na maioria, estas referências são específicas de determinadas áreas de conhecimento, não tendo maior visibilidade fora delas.

[1] A amostra se limitou a uma lista de cientistas sociais com endereços de Internet disponíveis na agenda do autor. Dos 49 que responderam a tempo, 10 eram sociólogos, 13 eram cientistas políticos, 14 eram economistas; 6 eram antropólogos e os demais eram historiadores e pessoas da área do direito, filosofia e da administração. É um grupo bastante *senior*, tendo terminado os cursos de graduação em 1969, em média, e os de pós-graduação ao redor de 1983. Cerca de quarenta por cento das pós-graduações foram feitas nos Estados Unidos, outros quarenta por cento no Brasil, sobretudo na USP, IUPERJ e UNICAMP, e os demais na Europa e Chile. Nem todos interpretaram da mesma forma as perguntas, e a distinção entre sociólogos e cientistas políticos não é muito nítida em muitos casos. Estes dados não têm, por todas estas razões, rigor estatístico, mas acredito que seja representativa das perspectivas dominantes de um grupo significativo e influente de cientistas sociais.

Principais autores nas ciências sociais do Século XX										
	total		economistas		sociólogos		c políticos		antropólgos	
	influênci	mérito	nfluênci	mérito	influência	mérito	influência	mérito	influência	mérito
Gilberto Freyre	44.9%	44.9%	28.6%	28.6%	50.0%	50.0%	46.2%	53.9%	66.7%	50.0%
Celso Furtado	42.9%	44.9%	92.9%	85.7%	0.0%	0.0%	53.9%	61.5%	0.0%	0.0%
Raymundo Faoro	34.7%	34.7%	28.6%	35.7%	20.0%	10.0%	38.5%	38.5%	50.0%	50.0%
Sérgio B. de Hollanda	34.7%	28.6%	35.7%	35.7%	20.0%	20.0%	53.9%	15.4%	33.3%	50.0%
Victor Nunes Leal	20.4%	24.5%	7.1%	0.0%	20.0%	20.0%	38.5%	46.2%	33.3%	50.0%
Florestan Fernandes	10.2%	20.4%	14.3%	14.3%	20.0%	20.0%	7.7%	23.1%	16.7%	33.3%
Caio Prado Júnior	18.4%	20.4%	28.6%	28.6%	10.0%	10.0%	23.1%	30.8%	0.0%	0.0%
Oliveira Viana	16.3%	16.3%	0.0%	0.0%	10.0%	10.0%	46.2%	23.1%	6.7%	33.3%
Euclides da Cunha	14.3%	14.3%	7.1%	7.1%	0.0%	0.0%	15.4%	15.4%	33.3%	33.3%

Fonte: enquete entre 49 cientistas sociais brasileiros. Cada qual indicou até cinco obras mais importantes e cinco mais influentes. Quando não foi feita a distinção, a obra foi considerada importante e influente.

Estes resultados podem parecer óbvios e triviais, mas começam a ficar mais interessantes quando começamos a pensar em como seriam as listas resultantes de pesquisas semelhantes feitas em outros países. É possível que, em outras partes, os autores e livros considerados clássicos fossem os de pretensão conceitual e teórica abrangente, ou que se dedicassem a temas e estudos monográficos específicos.[2] Em outros países talvez sobressaíssem biografias, ou textos que tratassem da epopéia ou do destino de comunidades ou grupos sociais, ou a criação de determinadas instituições, como o Estado democrático, as universidades, ou as grandes religiões.

Na lista brasileira, o que chama a atenção em quase todos os autores e livros é que eles têm o Brasil como tema.[3] São livros históricos, muitos deles notáveis pelas descrições detalhadas das circunstâncias e meios de vida da população em determinadas regiões e períodos, uma fenomenologia cujo valor transcende as eventuais interpretações dos próprios autores, propondo uma nova visão a respeito do "Brasil real", por oposição ao Brasil formal das leis ou dos preconceitos e visões importados da Europa pelas elites. Mas talvez por isto mesmo, são livros que mostram uma sociedade sem atores, sem iniciativas, no máximo com instituições precárias, e populações vivendo as conseqüências e o peso de seus determinismos. Falta o Brasil utópico, o Brasil em projeto e em construção.

Chama a atenção,o, também, o fato de que os livros sobrevivem, mas a maior parte das teorias propostas por seus autores são relíquias do passado. Ninguém fala mais, hoje, do luso-tropicalismo, do homem cordial, ou dos determinismos geográficos e raciais

[2] Pesquisa semelhante feita pela International Sociological Association encontrou que a obra sociológica mais importante do século é *Economia e Sociedade*, de Max Weber, um grande painel histórico e conceitual das origens e características das sociedades modernas. Todos os demais autores do topo da lista - C. W. Mills, Robert K.Merton, Luckman e Berger, Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Jurgen Habermas, Talcott Parsons, E. Goffman - escreveram trabalhos de natureza teórica e conceitual.

de nossa organização social e política. Não se pensa mais que o Brasil evoluiu de uma sociedade agrária feudal para uma economia capitalista burguesa como a Europa, ou que tenha tido uma "revolução burguesa"; não se acredita que a industrialização tenha sido um efeito benéfico da crise de 1929; e ninguém pensa que o sertanejo seja, "acima de tudo, um forte". Ficaram, no entanto, as grandes questões do passado, e alguns encaminhamentos de resposta: a idéia de que a história, a cultura e as instituições são importantes; que não se pode entender o país, simplesmente, pela letra das leis, ou pela lógica do interesses em conflito; e a noção de que alguns padrões específicos presentes na formação do país - os processos de colonização, o inter-relacionamento e os conflitos entre raças e culturas, os padrões e valores associados a nossa antiga "nobreza" urbana e agrária, os padrões de dependência e subordinação do povo em relação aos poderosos - tiveram conseqüências duradouras, que ainda persistem na maneira pela qual o país se organiza, e busca se entender.

A comparação entre as respostas de sociólogos, economistas e cientistas políticos mostra alguns consensos inesperados, e algumas diferenças também surpreendentes. Os economistas são unânimes em colocar a Celso Furtado em primeiro lugar, mas não incluem nenhum outro nome ou obra de economistas além de Celso Furtado e Caio Prado entre os cinco primeiros em sua lista de preferências[4], preferindo dar relevo a vários nomes da tradição sociológica, começando por Raymundo Faoro, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre; mas desconhecem alguns dos autores considerados mais importantes para o entendimento da formação do sistema político brasileiro - Oliveira Viana e Victor Nunes Leal. Os sociólogos colocam Gilberto Freyre em primeiro lugar, mas não encontram lugar para Celso Furtado em suas preferências. Os antropólogos, de forma semelhante, também desconhecem os economistas e concentram suas preferências em Gilberto Freyre. Os cientistas políticos são os únicos que colocam nomes de outras disciplinas em primeiro lugar - Celso Furtado, Gilberto Freyre - e mostram um âmbito de interesse mais eclético e multidisciplinar.

A concentração das preferências em autores mais antigos pode ter sido uma conseqüência da restrição que foi feita ao número de autores e obras a serem indicadas[5], ou até mesmo um efeito da idade mais madura de muitos dos respondentes. Uma outra explicação para isto é que as ciências sociais se expandiram muito nas últimas décadas, e

---

[3] As únicas exceções são os trabalhos mais antigos de Florestan Fernandes, de natureza monográfica, e o texto de Cardoso e Falleto, escrito no Chile e tendo a América Latina por oposição ao Brasil

[4] Mas isto pode ser um efeito da amostra peculiar de economistas que responderam a esta enquete, provavelmente mais próximos das outras ciências sociais do que a maioria.

[5] O que foi pedido foi a indicação de obras, e não de autores; algumas pessoas, mesmo assim, preferiram ficar em nomes. Na análise dos dados, acabamos também por tratar de autores, fazendo ressaltar desta

as referências a autores mais recentes ficaram muito dispersas, em função da crescente diversidade de metodologias, perspectivas e orientações. Não há maiores diferenças em função de se as pessoas tiveram sua formação mais alta nos Estados Unidos, na Europa ou no Brasil.

Será que estes livros e autores, de alguma forma, definem o "cânone" dos cientistas sociais brasileiros, que todos os estudantes deveriam ler para entender em profundidade nossa realidade, para se tornarem herdeiros condignos de nossas melhores tradições? Feita de forma impensada, esta proposta, ao lado dos benefícios óbvios, correria o risco de perpetuar as limitações e insuficiências que caracterizam nossas ciências sociais: a pobreza dos estudos comparados; a pouca reflexão teórica e conceitual; a ênfase talvez excessiva nos aspectos atávicos e peculiares do país, em detrimento dos projetos, dos logros e das conquistas; e a grande dificuldade em entabular diálogos criativos e enriquecedores com outras tradições de trabalho e outros países.

Será então, afinal, que os clássicos servem para alguma coisa? Pela presteza com que esta enquete foi respondida, e a pouca dificuldade que tiveram as pessoas atender ao pedido de no máximo cinco referências em cada categoria[6], acredito que estes autores continuam bem presentes na mente de nossos cientistas sociais, definindo suas questões e apontando caminhos e descaminhos para a busca de respostas. Ao contrário do que dizia Robert K. Merton, citando uma frase famosa de Alfred Whitehead, as ciências que temem esquecer seus fundadores não estão estão perdidas[7], mas, ao contrário, podem sempre buscar no passado os temas de diálogo e de renovação.

---

forma contribuições intelectuais que não apareceriam, ou apareceriam menos, se as referências ficam dispersas entre obras variadas.

[6] Além dos que não responderam, por razões variadas e não ditas, obtive uma recusa formal, e duas ou três respostas que não se encaixaram no formato proposto. Várias pessoas se queixaram da limitação do número, mas nem por isto deixaram de responder.

[7] "A Science which hesitates to forget its founders is lost". (Alfred N. Whitehead, *The Organization of Thought*, citado em epígrafe em Robert K. Merton, "On the History and Systematiccs of Sociological Theory", em R. K. Merton, *Social Theory and Social Structure*, The Free Press, 1949.)

Anexo: lista de autores e obras citados duas vezes ou mais vezes como de maior mérito ou influência (a referência, sempre que possível é da primeira edição).

Azevedo, Fernando, *A Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943.

Cardoso, Fernando Henrique e Enzo Faletto, *Dependencia y desarrollo en América Latina; Ensayo de interpretación sociológica*. México, Siglo Veinteuno editores, 1969.

Carvalho, José Murilo, *A Construção da Ordem,* Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1980.

Castro, Eduardo Viveiros, *Araweté, os deuses canibais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

Cunha Euclides*, Os Sertões,* Rio de Janeiro, Laemmert, 1902.

DaMatta, Roberto, *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

Faoro, Raymundo, *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre, ed. Globo, 1958.

Fernandes, Florestan, *A Economia Tupinambá*, São Paulo, Departamento de Cultura, 1949; *A Função Social da Guerra na sociedade Tupinambá*, São Paulo, Museu Paulista, 1952. *A Integração Do Negro à Sociedade de Classes*, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1964; *A Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução*, São Paulo, Alfa-Omega, 1975

Freyre, Gilberto*, Casa Grande e Senzala*, *Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro, Maia e Schimidt, 1933; *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.

Furtado, Celso, *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, Editora Nacional, 11. ed., 1972; *Formação Econômica Da América Latina*.

Holanda, Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1936.

Leal, Victor Nunes - *Coronelismo, Enxada e Voto - O Município e o Regime Representativo no Brasil*, Rio de Janeiro, Revista Forense, 1948

Prado Júnior, Caio*, Evolução Política do Brasil*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1933; *Formação do Brasil contemporâneo. Colônia*. São Paulo, Liv. Martins, 1942; *História Econômica do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1945

Rangel, Ignácio, *A inflação brasileira* São Paulo : Editora Brasiliense, 1978 3a. edição).

Santos, Wanderley Guilherme, *Cidadania e Justiça, a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro, ed. Campus, 1979; (anatomia da crise?)

Schwartzman, Simon, *São Paulo e o Estado Nacional*. São Paulo, Difel, 1975; *Bases do Autoritarismo Brasileiro,* Rio de Janeiro, Campus, 1981.

Simonsen, Mário Henrique, *Gradualismo x Tratamento de Choque,* Rio de Janeiro, APEC Editora, 1970.

Simonsen, Roberto, *História Econômica do Brasil,* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

Souza, Antônio Cândido de Mello*, Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre a crise nos meios de subsistência do caipira paulista*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1954.

Tavares, Maria da Conceição, *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro,* Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.

Viana, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil: História, Organização, Psicologia*. São Paulo, ed. Monteiro Lobato, 1920. *Instituições políticas brasileiras: os problemas brasileiros da Ciência Política*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1949.